

QUOMODO LEGIS? A LEITURA À LUZ DO MÉTODO INACIANO NA NOVELA DO JESUÍTA ALEXANDRE DE GUSMÃO: *HISTÓRIA DO PREDESTINADO PEREGRINO E DE SEU IRMÃO PRECITO* (1682)

MARINA MASSIMI

Universidade de São Paulo (USP – Ribeiro Preto)

RESUMO

O objeto do artigo é a novela alegórica *História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito* escrita no Brasil pelo jesuíta Alexandre de Gusmão e publicada em 1682, tendo várias reedições. Gusmão ocupou na Companhia de Jesus funções importantes dentre os quais a direção de um Colégio próximo da cidade de Salvador. A hipótese proposta é a de que a novela veicula no Brasil conteúdos e métodos dos Exercícios espirituais de Inácio de Loyola. O texto segue também as orientações da *Ratio Studiorum*. Portanto, Gusmão teria concebido a novela como importante veículo de circulação dos exercícios inacianos. Além disto, mostra-se que a novela foi texto pioneiro escrito com o objetivo pedagógico de iniciar à leitura o público brasileiro: para esta iniciação, a novela sugere um método de leitura orientado pelos *Exercícios* inacianos.

PALAVRAS-CHAVE: Alexandre de Gusmão SI; literatura; religião; exercícios espirituais; história da leitura.

ABSTRACT

The object of the article is the allegorical novel *História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito* written by Jesuit Alexandre de Gusmão and published in 1682, with several reissues. Gusmão held the Society of Jesus important positions among which the foundation and direction of a College near the city of Salvador. The proposed hypothesis is that the novel conveys Brazil in content and methods of the Spiritual Exercises of Ignatius of Loyola. The text also follows the guidelines of the *Ratio Studiorum*. So Gusmão have conceived the novel as a major vehicle of circulation Ignatian exercises. Moreover, we show that the novel was pioneering text written with the pedagogical aim of starting to read the Brazilian public: targeting this initiation, the novel suggests a method of reading guided by the Ignatian *Exercises*.

KEYWORDS: Alexandre de Gusmão SI; literature; religion; spiritual exercises; reading history.

O presente artigo analisa uma novela alegórica *História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito* escrita no Brasil pelo jesuíta Alexandre de Gusmão e publicada em Lisboa no ano de 1682¹. A hipótese é a de que o texto veicula no meio brasileiro a proposta dos *Exercícios espirituais*² de Inácio de Loyola, e o faz seguindo as orientações metodológicas da *Ratio Studiorum*³. Desse modo, o texto teria sido concebido por Gusmão para ser um importante veículo de circulação do texto inaciano, tendo em vista o objetivo de contribuir à transmissão de uma “arte de viver” a partir da concepção de pessoa proposta pelos jesuítas⁴ e de uma prática missionária voltada para a salvação das almas⁵. Além disto, evidenciaremos o fato de que, a novela, texto pioneiro no gênero no meio cultural brasileiro, sugere um método de leitura orientado pelos *Exercícios inacianos*⁶.

¹ GUSMÃO, Alexandre SI. (1685). *História do Predestinado Peregrino e de seu Irmão Precito*. Lisboa: Deslandes. Vide também: MASSIMI, Marina. *A novela História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito (1682)*. São Paulo: Loyola, 2012.

² LOYOLA, Inácio. (2002). *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Edições Loyola. Outra edição do texto autografo se encontra em: Loyola, I. (1982). *Obras completas, n. 86*. Madrid: Bibliotecas Autores Cristianos.

³ RAFFO Giuliano. *La Ratio Studiorum*. Il método degli studi umanistici nei collegi dei gesuiti alla fine del secolo XVI. Texto latino e tradução italiana. Roma: La civiltà Cattolica-Milano: Centro San Fedele. 1989. Sobre o tema ver também: HINZ, Manfred; RIGHI, Roberto; ZARDIN, Danilo. *I gesuiti e la Ratio Studiorum*. Roma. Bulzoni, 2004.

⁴ BERGAMO, Mino, *L'anatomia dell'anima*. Da François de Sales a Fénelon, Bologna, Il Mulino, 1991; MASSIMI, Marina & MAHFOUD, Miguel. A pessoa como sujeito da experiência: um percurso na história dos saberes psicológicos. Memorandum, 2007, 13, 1631. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/massimimahfoud01.pdf>.

⁵ GARCIA, Ignacio A. Salvar el anima: el sujeto moderno entre aferramiento y el extasi. *Manresa*, vol. 72, p. 21-40, 2000.

⁶ A novela tem sido citada e interpretada de vários modos pela historiografia da literatura brasileira. Dentre eles destacamos MOISÉS, Massaud *História da Literatura Brasileira*. Vol. 1, São Paulo: Cultrix, 1985), que insere a obra na tradição dos livros de peregrinação. O juízo deste autor de que a ficção novelesca seria apenas um instrumento de comunicação e que, portanto, se trataria mais de documento de história da cultura do que de obra literária, nos parece, porém, não levar em conta os sentidos que na época alegoria e ficção assumem na cultura literária. Uma das leituras mais recentes se encontra na tese de SARAIVA, Harrison Martim. *Teologia e Política na América Portuguesa: Estudo da História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito, do Padre Alexandre de Gusmão (1629-1724)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2013. Segundo este autor a novela deveria ser interpretada em chave de teologia política como sendo a descrição do bom e cativo vassalo do corpo místico da Coroa. É possível que Gusmão, na escrita da novela, fosse movido também por uma preocupação política moralizadora, mas esta é uma das nuances e não nos parece a chave de leitura principal para a sua interpretação. É claro que na ótica de um escritor jesuíta a formação pelos Exercícios espirituais incluiria também a esfera política.

O autor e a novela

A obra de Gusmão se insere no contexto da atuação da Companhia de Jesus no Brasil dos séculos XVI e XVII. A importância da Ordem de Loyola na elaboração do saber e da ciência ocidentais a partir do século XVI tem sido apontada por vários estudiosos. As historiografias da ciência e da pedagogia jesuítica constituem-se hoje em áreas importantes de atuação dos historiadores da ciência e da cultura, como documentam entre outros⁷ os trabalhos de Luce Giard⁸.

Se na Europa do século XVI, a Companhia visa realizar uma síntese entre a herança do catolicismo medieval e o novo espírito renascentista⁹, no Brasil onde atua desde 1549, encarrega-se de “traduzir” as concepções antropológicas e psicológicas da tradição ocidental num método de formação do homem. Formação esta concebida seja como percurso evolutivo da infância até a maturidade por meio da educação, seja como processo de aculturação dos povos ameríndios, africanos e orientais por meio da cristianização. Portanto, ao longo de pelo menos dois séculos, os jesuítas constituem-se no Brasil, numa presença cultural e social importantíssima, sendo responsáveis pela criação da primeira rede de ensino no país e pela elaboração de numerosas obras culturais visando integrar as culturas indígenas com as culturas europeias¹⁰.

⁷ Acerca da contribuição dos jesuítas no âmbito da ciência e da cultura da época, veja-se: ANDRADE Antonio. Banha. *Teses fundamentais de psicologia dos "Conimbricenses"*, Lisboa, Edições da Revista Filosofia. 1957; ANDRADE, Antonio Banha. *Contributos para a história da mentalidade pedagógica portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1981; BALDINI, Ugo. *Leges impone Subactis. Studi su Filosofia e Scienza dei gesuiti in Italia, 1540-1632*, Roma, Bulzoni. 1992; BARRETO, Luis Felipe. *Descobrimientos e Renascimento. Formas de Pensar e de Ser nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1983. BARRETO, Luis Felipe. *Caminhos do saber no renascimento português. Estudos de História e Teoria da Cultura*, Lisboa, Imprensa nacional-Casa da Moeda. 1986; CAEIRO, F. GAMA, (1982 e 1989); MARAVALL, José Maria. *A cultura do barroco*, (Original de 1975, trad. Brasil). São Paulo: EDUSP. 1997; MARTINS, A.M. (1989). RODRIGUES, Mario. A., Do Humanismo à Contra-Reforma em Portugal, *Revista de História das Idéias*, Coimbra, 1958, pp. 40-52. Lembramos também o volume da *Revue de synthèse, Les Jésuites dans le monde moderne. Nouvelles approches*, organizado por FABRE, Pierre Antoine, ROMANO, Antonella. *Revue de synthèse, Les Jésuites dans le monde moderne. Nouvelles approches*, n. 2-3, 1999; PO-CHIA HSIA, Ronnie. *La Controriforma. Il mondo del rinnovamento cattolico (1540-1770)*. Bologna. il Mulino. 2001; DEMERSON, Geneviève ; DOMPNIER Bernard; REGOND Annie. *Les Jésuites parmi les hommes aux XVI et XVII siècles*, Actes du Colloque de Clermont-Ferrand (avril 1985), Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Clermont-Ferrand II, nouvelle serie, fascicule 25, pp. 21-34, 1985. .

⁸ GIARD, Luce. *Les jésuites à la Renaissance. Système éducatif et production du savoir*, Paris, PUF, Bibliothèque d'histoire des sciences. 1995. GIARD, Luce & VAUCELLES, L. *Les jésuites à l'âge baroque, 1540-1640*, Grenoble, Millon, Histoire des jésuites de la Renaissance aux Lumières, 1996.

⁹ O'MALLEY, John. W. *I primi gesuiti*, Milano, Vita e Pensiero, (ed. italiana, primeira edição: 1993), 1999.

¹⁰ CAEIRO, Francisco Gama. O pensamento filosófico do século XVI ao século XVIII em Portugal e no Brasil, *Acta do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia*. Braga, 1982, pp. 51-90; CAEIRO, Francisco Gama. El problema de las raíces históricas. Em: Barba, E:M: et alii, *Iberoamerica, una comunidad*, Madrid, Ediciones de Cultura Hispánica, 1989, pp. 377-389.

O jesuíta padre Alexandre de Gusmão viveu na Bahia e foi diretor do Colégio do Menino Jesus de Belém em Cachoeira do Campo, local próximo da cidade de Salvador. Nascido em Lisboa em 1629 e falecido na Bahia em 1724, Gusmão tinha vindo ao Brasil com dez anos de idade e entrara na Companhia no Colégio da Bahia em 1646. Nessa instituição religiosa, ocupou vários cargos importantes em diversos colégios: dentre outros, fundou nas proximidades de Salvador, à margem do Rio Paraguaçu, perto do centro urbano de Cachoeira, um Colégio, no ano de 1686: foi o primeiro internato estabelecido no Brasil, para onde concorriam alunos de toda parte do Brasil, principalmente dos recôncavos baianos, pobres e filhos de abastados fazendeiros. Ao longo de setenta e três anos, o Colégio ministrou educação e ensino para mil e quinhentos alunos. Além do mais, Gusmão foi autor de numerosas obras que tiveram ampla difusão no Brasil da época. Destacamos entre elas, a *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*¹¹, a *Escola de Belém, Jesus nascido no Presépio*¹², o *Menino Cristão*¹³, *Maria Rosa de Nazaré nas montanhas de Hebron, a Virgem nossa Senhora na Companhia de Jesus*¹⁴, *Eleição entre o bem e o mal eterno*¹⁵, *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Alegórico e moral*¹⁶.

Dentre a produção escrita de Gusmão, a novela *História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito* se destaca por ter sido o marco inicial do gênero da narrativa alegórica no Brasil, gênero utilizado mais tarde por outros autores como Nuno Marques Pereira na obra de 1728, *Compêndio Narrativo do Peregrino na América*¹⁷. O texto foi reeditado em 1685 pela oficina da Universidade de Évora. Pela função exercida por Gusmão junto ao Colégio de Belém em Cachoeira podemos hipotizar que a novela fosse destinada à leitura dos alunos dessa instituição.

A novela é protagonizada por dois irmãos: Predestinado e Precito. É organizada em seis partes correspondentes a seis lugares imaginários (cidades), podendo ser os lugares de destino do percurso dos dois peregrinos: Jerusalém ou Babilônia. Desse modo, propõe uma espécie de topologia ideal desenhada pela imaginação e pela memória, em conformidade com e a longa tradição da arte da memória e com o método inaciano da composição do lugar, como evidenciaremos neste texto. A novela propõe dois percursos: um, de Predestinado Peregrino, outro, de Precito. O Peregrino Predestinado é a personagem a quem o autor dispensa maior atenção. Predestinado é casado

¹¹ GUSMÃO, Alexandre SI. *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*. Lisboa: Deslandes, 1685

¹² GUSMÃO, Alexandre. *Escola de Belém, Jesus nascido no Presépio*. Évora: Oficina da Academia, 1678.

¹³ GUSMÃO, Alexandre SI. *Menino Cristão*. Lisboa: Deslandes, 1695.

¹⁴ GUSMÃO, Alexandre SI. *Maria Rosa de Nazaré nas montanhas de Hebron, a Virgem nossa Senhora na Companhia de Jesus*. Lisboa: Deslandes. 1715.

¹⁵ GUSMÃO, Alexandre SI. *Eleição entre o bem e o mal eterno*. Lisboa: Oficina da Música. 1720.

¹⁶ GUSMÃO, Alexandre SI. *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Alegórico e moral*. Lisboa: Bernardo da Costa, 1734.

¹⁷ PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (1728). 6ª ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1939, 2 v.

com uma mulher chamada Reta Razão. Seu caminho se inicia em Gerson no Egito, de lá ele parte para Belém, depois para Nazaré, segue pelo caminho dos Mandamentos até chegar a Betânia, saindo desta cidade parte para Cafarnaum e depois para Bethel e, por fim, chega a Jerusalém. Cada cidade apresenta uma significação específica e exige de Predestinado um preparo para viver nela de acordo com as regras estabelecidas. Contrário é o percurso de segunda personagem da novela, Precito, casado com uma mulher chamada Própria Vontade, cujo caminho é oposto ao de Predestinado. Parte do Egito para Betaven (ou casa de Vaidade), depois vai para Efraim (ou Samaria), seguindo para Bethoron (Casa de Liberdade), Éden (Cidade de Deleites), Babel (Confusão) e por fim, termina em Babilônia. Pelos nomes das cidades e pelos governadores, vê-se que Predestinado e Precito, ambos peregrinos, seguem caminhos diametralmente opostos, sendo influenciados por seus filhos e esposas. O casamento dessas personagens e seus filhos, na verdade, representam a escolha realizada pelos dois irmãos da história de seguir a razão, ou a própria vontade; e as consequências decorrentes das ditas escolhas. Segundo a visão antropológica dos jesuítas, com efeito, existem duas possibilidades inerentes ao ser humano e constantemente colocadas diante da sua liberdade: pode-se viver, ou conforme a razão ou conforme a própria vontade. Para que o ser humano seja íntegro, é preciso que a razão ordene o dinamismo pessoal; que a existência seja conforme à razão; e que a vontade seja submetida a uma alteridade e não se afirme por si mesma.

Desse modo, enquanto Predestinado opta pelo caminho da salvação que o leva a Jerusalém, Precito segue pelo da perdição, que o leva a Babilônia. A função da escola frequentada pelos filhos de ambos os casais é decisiva na influência dos rumos a seguir: a escola escolhida por Predestinado e Reta Razão para a educação de seus filhos é regida por uma dona chamada Verdade; a escola escolhida por Precito e Própria Vontade tem uma dona cujo nome é Mentira. Conforme a opção feita, abrem-se um diferente aprendizado:

eis que chegam das escolas os filhos de ambos referindo as lições, que naquele dia aprenderam. Os filhos de Predestinado referiam as excelências, que da santa Cidade de Jerusalém apregoavam os Profetas. (...). Os filhos de Precito repetiam as grandezas, que de Babilônia referiam as escrituras¹⁸.

Gusmão quer assim ressaltar, na perspectiva do empenho pedagógico da Companhia, o fato de que a escola proporciona o direcionamento de intenções e desejos de cada um com relação a um horizonte último, que é o próprio sentido da vida, metaforizado pelas duas cidades de Jerusalém e Babilônia.

O caráter alegórico da novela é dado não apenas pelas personagens criadas por Gusmão, que retratam vícios e virtudes, mas também pelo “persistente recurso à explicação pormenorizada de pequenos quadros, formados, sobretudo, por «figuras»” com base nos “conhecimentos em áreas dependentes do complexo e afortunado filão constituído por emblemas,

¹⁸ GUSMÃO. Op. Cit., 1685, p. 13.

hieróglifos e empresas”¹⁹. Emblemas e empresas são gêneros alegóricos que contêm seja a imagem seja o texto escrito: a imagem vem a representar objetos ilustrativos de um conceito e é acompanhada por uma escrita explicativa. Segundo Tesouro, por emblema se entende “um Símbolo Popular; composto de Figura e Palavras, significante como Argumento algum Documento referente à vida humana”²⁰; normalmente o emblema é “exposto como friso e ornamento nos Quadros, nas Salas, nos Aparatos, nas Academias, ou impresso nos livros com Imagens e explicações para o público ensinamento do Povo” (idem). A empresa é constituída por “uma imagem pictórica que não devia ter correspondência com a sentença escrita, diferentemente do emblema, em que a imagem e o epigrama mantêm a relação proporcional de semelhança” (idem, p.65). No emblema, o escrito chama-se de *lema*; na empresa, o escrito chama-se de *termo*. A suma destas imagens alegóricas encontra-se na obra de Andrea Alciati (1492-1550), *Emblemata*²¹, protótipo absoluto destas produções. Na novela, Gusmão faz uma referência explícita à arte da emblemática de Alciati²². O recurso ao uso da alegoria e aos saberes tributários da emblemática não é peculiar ao autor, mas “se enquadrada no apreço que a Companhia votou à Emblemática e no peso e importância que os jesuítas concederam aos «*libri figurati*»”²³. Além do mais, de modo geral, a retórica da Idade Moderna sugere o recurso às imagens: pinturas, estátuas, emblemas, empresas, metáforas e alegorias, empregadas nas práticas culturais e religiosas, agem como dispositivos retóricos que provocam nos destinatários determinada elaboração. A eficácia desta elaboração, por vez, depende da ativação das potências psíquicas, especialmente a atividade sensitivo-imaginativa (sentidos internos), ordenada para alcançar o fim último.

O uso que a Companhia faz de emblemas e empresas é decorrente de duas características espirituais e pedagógicas do carisma inaciano²⁴. Em primeiro

¹⁹ SANTOS, Zulmira. C. Emblemática, memória e esquecimento. In: *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII* (pp. 581-599). Porto: Instituto de Cultura Portuguesa da FLUP/Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto. 2004, p. 588.

²⁰ Apud HANSEN, João Adolfo. (2013). Alguns preceitos da invenção e elocução metafóricas de emblemas e empresas. *Revista chilena de literatura*, 2013 (85), 43-73. Recuperado em 12 de novembro de 2014, de http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718, p. 54

²¹ ALCIATI, Andrea. *Emblemata*. Basileia: Edições Steyner. 1531.

²² GUSMÃO. Op. Cit., 1685, p. 135.

²³ SANTOS, Op. Cit., 2004. p. 592. Vide também: INSOLERA, Luisa. S. *L'ímago Primi Saeculi (1640) e il significato dell'immagine allegorica nella Compagnia di Gesù. Genesi e fortuna del libro*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana. (*Miscellaneae Historiae Pontificiae* Vol. 66). 2004.

(1640) *Per il significato dell'immagine allegorica nella Compagnia di Gesù. Genesi e fortuna del libro*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana. (*Miscellaneae Historiae Pontificiae* Vol. 66). 2004. BATTISTINI, Andrea. *Il Barocco. Cultura, miti e immagini*, Roma, Salerno editrice. 2000.

²⁴ Vários escritos teóricos dos jesuítas utilizando e explicando o significado dos emblemas e das empresas. POSSEVINO, A (1533-1611), *Bibliotheca Selecta*, 1593, capítulo De poesi et pictura; RICHEOME, L. (1544-1625) *Trois discours pour la religion catholique: des miracles, des saint et des images*, 1597. Uma parte inteira é dedicada à história das imagens. Outro texto muito importante: *La peinture spirituelle, ou l'art d'admirer, aimer et louer Dieu em toutes ses oeuvres, et tirer de toutes profit salutère*, Lyon.1611; MONTALDO, ORAZIO, 1579-1630; CAUSSIN N.

lugar, a imagem veicula a mensagem sagrada, como o próprio Inácio frisa nos *Exercícios*. Em segundo lugar, Inácio considera a imagem como eficaz do ponto de vista de sua ação na interioridade da pessoa, especialmente a memória e a imaginação, de modo a facilitar a meditação. Cria, nesta perspectiva, o método da *compositio loci*. A construção deste método pressupõe o uso de *imagens narrativas* (exemplo, a viagem de Maria e José que fogem para o Egito), e *imagens simbólicas*. No primeiro prelúdio do primeiro exercício, Inácio define esses dois modos diferentes de realizar uma construção visual: distingue entre a *res corporea* (tema visível), ou seja, as imagens de tipo narrativo; e a *res incorporea* (tema invisível), ou seja, os conceitos e os argumentos representáveis somente pelo modo simbólico. As duas modalidades de construção visual são empregadas na composição de lugar dos Exercícios: inicialmente, Inácio busca compor o ambiente imaginando-o de modo visível, e, portanto, utilizando-se imagens narrativas: neste caso, a composição consiste em ver pela vista da imaginação o lugar material onde se encontra o objeto a ser contemplado, podendo ser este lugar um local material (por exemplo, um templo ou um monte) conforme a cena sugerida pelas narrativas evangélicas. Já na contemplação ou na meditação de um tema invisível, como é o do pecado, a composição consistirá em ver pela vista da imaginação os efeitos do mesmo e considerar o homem em sua dimensão anímica e corporal como desterrado no mundo animal. Serão utilizadas, portanto, imagens simbólicas. Inácio percebe, porém, que não seria suficiente o uso da imagem mental para a meditação, sugerindo também o aporte visual da imagem gráfica (por meio do quadro ou da estampa ou da representação)²⁵.

Na visão dos jesuítas, portanto, o recurso à imagem adquire caráter pedagógico. No ensino dos Colégios jesuítas, a composição dos emblemas é um dos exercícios didáticos propostos aos estudantes. Na edição de 1599 da *Ratio Studiorum*, as Regras para os professores de retórica e de humanidades, sugerem que os alunos sejam ensinados a fazer desenhos para ilustrar os emblemas; e que sejam compostos, pelos docentes, livros sobre figuras retóricas e metáforas²⁶. Desse modo, vários jesuítas professores de retórica e de humanidades nos colégios publicam textos de emblemas, seguindo a tradição clássica, mas com inspiração de temas cristãos, operando assim uma sorte de cristianização da tradição da emblemática clássica²⁷.

1583-1651 *De symbolica aegyptiorum sapientia* 1618; SANDAEUS, M. 1578-1656, *Theologia symbolica*; DONATI, AL. 1584-1640, *Ars poetica* 1631; PIETRASANTA S. 1590-1647, *De symbolis heroici libri IX*; MASEN, J. 1606-1681. *Speculum imaginum veritatis occultae*, Colonia, 1650. *Obra enciclopédica sobre a imagem*; PALLAVICINO, SFORZA, 1607-1667, *Trattato della stile e del dialogo*; LE MOYNE, p. 1602-1671; MENESTRIER, C.F., 1631-1705 *Philosophe des images*, 1682. *L'art des emblemes; La philosophe des images enigmatiques*, 1694; BOSH, J. *Symbolographia sive de arte symbolica*, 1701; JOUVANCY, J. 1643-1719. *Magistris scholarum de ratione discendi*, 1703.

²⁵ Gusmão aborda extensamente o método da composição de lugar no livro *Meditações para todos os dias da semana, pelo exercício das três potências da alma, conforme ensina santo Inácio* que redigiu em 1689.

²⁶ RAFFO Giuliano. 1989, Op. Cit..

²⁷ Vários escritos teóricos dos jesuítas utilizando e explicando o significado dos emblemas e das empresas. POSSEVINO, A (1533-1611), *Bibliotheca Selecta*, 1593, capítulo De poesi et pictura; RICHEOME, L. (1544-1625) *Trois discours pour la religion catholique: des miracles, des saint et*

A novela de Gusmão é um texto que se insere plenamente nesse universo cultural da pedagogia jesuítica da época. Este universo é focado na importância da memória como componente decisiva do processo de conhecimento. O uso do emblema, por exemplo, estimula processos mnemônicos, por ser a imagem uma espécie de veículo de conteúdos da memória. Na novela de Gusmão, o recurso à memória tem objetivo pedagógico e persuasivo: os emblemas e as alegorias integram uma estratégia propiciadora da «memória», “como formas privilegiadas da persuasão”. De fato, as entidades alegóricas cumprem a “função de «auxiliares» da memória”. A novela, embora não contivesse imagens (possivelmente para baratear o custo e favorecer a maior difusão do livro), “não deixava de aproveitar do filão prestigiado da emblemática”²⁸.

Carruthers²⁹, em suas pesquisas acerca da história cultural medieval, ressalta a dimensão pedagógica de práticas que se baseavam no reconhecimento de imagens da memória, por ela chamadas de *ortopraxi*. Trata-se da construção de uma experiência disciplinada que permite ao destinatário identificar-se a si mesmo com base numa vivência reconhecida como original e constitutiva. A peregrinação era uma destas práticas. As imagens eram tomadas não tanto por serem portadoras de significados, quanto pela sua função de suportes do pensamento. Desse modo, a disposição das imagens obedecia não a regras de conteúdo, mas de forma, devendo servir para compor relações e redes de relações úteis para a retenção dos conceitos na memória. A forma estética e os apelos sensoriais e afetivos por elas suscitados eram funcionais ao exercício da reflexão. Podemos considerar a obra de Gusmão na esteira dessa tradição: a novela visa a conduzir o leitor a um entendimento do conteúdo por meio da *ortopraxi*. Mas o elo que liga a novela a tradição medieval da *ortopraxi* é a prática dos exercícios espirituais, elaborada por Inácio de Loyola.

A novela como proposta ao leitor do roteiro inaciano dos exercícios espirituais

A análise da novela de Gusmão permite considerar a hipótese de que seu conteúdo tenha sido inspirado pelos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola.

des imagens, 1597. Uma parte inteira é dedicada à história das imagens. Outro texto muito importante: *La peinture spirituelle, ou l'art d'admirer, aimer et louer Dieu em toutes ses oeuvres, et tirer de toutes profit salutère*, Lyon.1611; MONTALDO, ORAZIO, 1579-1630; CAUSSIN N. 1583-1651 *De symbolica aegyptiorum sapientia* 1618; SANDAEUS, M. 1578-1656, *Theologia symbolica*; DONATI, AL. 1584-1640, *Ars poetica* 1631; PIETRASANTA S. 1590-1647, *De symbolis heroici libri IX*; MASEN, J. 1606-1681. *Speculum imaginum veritatis occultae*, Colonia, 1650. *Obra enciclopédica sobre a imagem*; PALLAVICINO, SFORZA, 1607-1667, *Trattato della stile e del dialogo*; LE MOYNE, p. 1602-1671; MENESTRIER, C.F., 1631-1705 *Philosophe des images*, 1682. *L'art des emblemes*; *La philosophe des images enigmatiques*, 1694; BOSH, J. *Symbolographia sive de arte symbolica*, 1701; JOUVANCY, J.. 1643-1719. *Magistris scholarum de ratione discendi*, 1703.

²⁸ SANTOS, Op. Cit., 2004, p. 595.

²⁹ CARRUTHERS, Mary. *Machina memorialis. Meditazione, retorica e costruzione delle immagini (400-1200)*. (L. Iseppi trad.). Pisa: Edizioni della Normale. (Original publicado em 1998), 2006.

De fato, apesar da diferença de gênero literário, as duas obras apresentam semelhanças quanto ao conteúdo.

Um primeiro tópico de comparação é a finalidade dos dois textos. Loyola (1491-1556) propõe a prática dos exercícios espirituais para os que buscam o discernimento do caminho a tomar na vida, a partir do reconhecimento de sua finalidade. Destina o texto dos *Exercícios* à leitura de quem dirige essa prática espiritual, destacando algumas atitudes fundamentais para orientar a conduta deste: a pessoa que ministra os exercícios deve introduzir o praticante ao conhecimento da história evangélica através da narrativa fiel e concisa, sem interferir no entendimento dele e sem insinuar suas próprias convicções. Essa atitude visa a induzir o praticante à contemplação e meditação em primeira pessoa, utilizando-se de sua capacidade de reflexão e de decisão: seja por conta própria ou por inspiração divina, o praticante é beneficiado pelos exercícios quando estes utilizam “o entendimento, refletindo, e a vontade, aperfeiçoando-se”³⁰. Quem ministra os Exercícios deve alertar o praticante acerca do fato que o “inimigo da natureza humana”³¹ possui estratégias que visam inviabilizar o caminho escolhido e que é preciso se preparar à luta contra estes impedimentos.

Do modo análogo, Gusmão no prólogo da novela coloca que há posicionamentos que levam a caminhos diferentes, e que pela sua escrita quer evidenciar o destino de ambos os percursos, sendo o leitor o ator desta escolha:

No caminho e sucesso destes Peregrinos verá o leitor por onde se vai no Céu e por onde se vai ao inferno e será este livrinho como um roteiro de vida, ou morte sempiterna, para que conforme a ele governe seus passos, e vendo não tenha escusa, ao se perder³².

A novela, possivelmente difundida nas instituições pedagógicas jesuíticas de língua portuguesa, propõe ao leitor que use o texto como um espelho para considerar sua condição existencial e suas escolhas:

Não há história nem mais certa, nem mais saída, posto que a prática dela os mais a ignoram. Quem quiser considerá-la devagar, verá nela retratada a história de sua vida, ou a que vive, ou a que devia viver; e achará nela utilíssimo documento para se salvar³³.

Evidentemente a narrativa de Gusmão se propõe a persuadir o leitor a seguir o caminho que leva a Jerusalém, apesar das dificuldades, e evitar o caminho que leva à Babilônia, ou seja, o Inferno. Desse modo, assim como os *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola, a *História de Predestinado Peregrino e seu irmão Precito*, visa a realizar uma orientação do dinamismo pessoal dos leitores tendo em vista os valores últimos. Como já dissemos, a diferença entre os dois textos deriva do leitor pretendido: Gusmão dá ao texto um caráter

³⁰ LOYOLA, 1548/1982, p. 11.

³¹ LOYOLA, 1548/1982, p. 13.

^{32,33} GUSMÃO. Op. Cit., 1685, p. 6.

³³ Id. Ibidem.

didático, deixando em cada passagem explicações e exemplos daquilo que Predestinado aprende, ao passo de que Loyola tendo por interlocutor o ministro dos exercícios, pressupõe o conhecimento prévio dos elementos essenciais da doutrina cristã e é neste sentido muito sintético.

Um segundo aspecto de semelhança é o recurso ao método da composição de lugar. A novela como um todo é concebida pelo método da composição de lugar. A composição da jornada de Predestinado e de Precito segue uma hierarquia de lugares e de encontros. Ambas as personagens realizam um percurso que vai desde o Egito até a cidade destino, ou seja, Jerusalém ou Babilônia. Em cada cidade visitada, os dois irmãos recebem passes para as cidades seguintes, cidades as quais somente pode se ter acesso apresentando esses passes a quem vier recepcioná-los. Isso indica que o percurso da peregrinação passa por etapas obrigatórias e não dispensáveis. O discernimento acerca do melhor rumo depende da decisão acerca de uma meta reconhecida mais consoante ao desejo de realização que caracteriza o ser humano: ambos os peregrinos aspiram à felicidade: tudo se joga na diferença que há entre amar a nós mesmos enquanto nos espelhamos no destino (destinados), ou amar a nós mesmos naquilo em que imediatamente nos espelhamos. Ambos os protagonistas da novela irão empreender um processo trabalhoso, mas cada um posicionar-se-á conforme o que ama. Análogo é o percurso que ocorre nos *Exercícios espirituais* inicianos, onde a partir da segunda semana, o praticante é provocado a ler seu próprio desejo e neste momento se faz presente a possibilidade do engano no discernimento. Através da visualização das cenas evangélicas objeto da meditação, baseadas no referido método de composição do lugar, no quarto dia da segunda semana é proposta a meditação acerca das "duas bandeiras". Tal meditação visa a orientar o discernimento do praticante para atitudes conformes à vida cristã: assim o texto sugere que o praticante visualize em sua mente a região de Jerusalém, onde comanda Cristo, e a região da Babilônia, comandada por Lúcifer. Em seguida convida a refletir sobre o local onde ambos habitam e sobre suas condutas, ações e palavras³⁴. A construção de imagens que compõem cenas mentais permite ao praticante uma maior capacidade de compreender o que foi dito bem como a memorização do conteúdo.

Na novela, Gusmão descreve em detalhes a prática de composição do lugar (*compositio loci*) proposta por Loyola. O uso deste recurso imagético aparece quando Predestinado, entrando numa sala do Palácio de Desengano chamada de Composição de Lugar, recebe um quadro pintado representando uma cena evangélica e oferece-o para três virgens chamadas: Memória, Inteligência e Vontade. Assim,

fixos os joelhos em terra e o coração em Deus entregou o quadro à primeira Virgem Memória a qual depois de o reconhecer brevemente o entregou a Segunda Virgem Inteligência, a qual tanto com ele se deteve em o ver, rever e considerar muito devagar com mil discursos e considerações,

³⁴ LOYOLA, 1548/1982, p.62.

que a terceira Virgem Vontade notavelmente se lhe afeiçãoou e inflamou pelo ter e possuir, até que entregue por Inteligência o abraçou com uns abraços, que chama Propósitos tão apertados, que já mas lhe puderam arrancar do peito, ou para melhor dizer do coração³⁵.

Um terceiro aspecto de semelhança entre o texto dos Exercícios e a novela de Gusmão, é que não apenas o recurso ao método da *compositio loci*, como também a construção do enredo da novela como um todo evoca a estrutura dos *Exercícios Espirituais*.

A primeira parte da novela, que abrange o início do percurso de Predestinado até a cidade de Cafarnaum pretende induzir no leitor uma vivência análoga a quanto proposto pela primeira semana dos *Exercícios Espirituais*. Esta vivência na tradição católica chama-se Via Purgativa³⁶. No percurso de Predestinado, cada cidade visitada corresponde a uma etapa do processo de amadurecimento espiritual: ele aprende na cidade de Gerson a vontade de corrigir-se; em Nazaré passa a enxergar a verdade pelos olhos do desengano e dá os primeiros passos para conhecer o culto divino e a religião.

Conhece a obediência em Betânia; e aprende os Mandamentos do Decálogo e a expiação dos seus pecados em Cafarnaum. Na cidade de Belém, o Peregrino vivencia as práticas da contemplação e da meditação da encarnação de Cristo: por exemplo, quando na Capelinha, vê o menino Jesus Nascido, depois prossegue para Nazaré como que seguindo os passos de Jesus e lá busca os lugares onde Cristo e seus discípulos estiveram. Tal percurso corresponde aos exercícios da segunda semana do roteiro de Loyola.

Na cidade de Betânia, ao entrar em algumas capelinhas, o Peregrino observa os passos da Crucificação de Cristo. Esta experiência remete ao processo da terceira semana dos *Exercícios*, direcionada à contemplação dos momentos da vida de Cristo desde a última ceia em Betânia até a Paixão. Desse modo, as meditações acerca dos momentos da vida e morte de Cristo ocorrem em concomitância com as etapas da via purgativa. Na capelinha de Paciência, por exemplo, o Peregrino vê a Cristo Crucificado, cai a seus pés e fica um longo tempo admirando o sacrifício do Senhor, se detendo naquele local por alguns dias para meditar os passos da Paixão. Enquanto isso, Fortaleza e Paciência lhe imprimem marcas no coração a cada passo da crucificação. Esta cena também parece remeter as práticas da meditação e contemplação da vida de Cristo assim como sugeridas pelos *Exercícios Espirituais* na terceira semana.

A cidade de Bethel (nome que significa lugar sagrado, cidade de Deus) é organizada em três bairros que representam as três vias do itinerário místico. A primeira via é a Purgativa, onde o Peregrino deve ocupar-se em "lavar, cavar e

³⁵ Gusmão. Op. Cit., 1685, p. 80.

³⁶ Na teologia mística inspirada em San Juan de la Cruz, se concebe um itinerário espiritual de três vias: purgativa, iluminativa e unitiva. A primeira consiste na purificação da potência anímica da memória, de todos os apegos sensoriais e apetites ligados à dimensão corpórea, gerando-se assim o sentimento da esperança; a segunda via, iluminativa, consiste na elevação do entendimento até Deus, gerando-se a sabedoria da fé. A terceira via é a unitiva, que consiste na purificação da vontade, através da qual a alma alcança sua união com Deus, gerando-se assim a caridade. Assim o termo destes itinerários é o alcance das três virtudes teológicas.

arar a terra de sua alma com o arado da mortificação”, arrancar da terra da alma “os espinhos e ervas inúteis dos vícios e más inclinações” e, por fim “regar e fertilizar com a água e orvalho celestial por meio do exercício santo da Oração”³⁷. Aqui o Peregrino deve limpar as fontes que regam a terra da alma, sendo elas “as duas potências principais de nossa alma: Entendimento e Vontade, donde todo o bem e todo o mal promanam”³⁸. As águas destas duas fontes “correm por dois canos que chamam Apetites Sensitivos, um tem por sobrenome Irascível e outro, Concupiscível”. Estes canos deságuam em treze riachos “que se chamam Paixões, sete de Concupiscível se chamam Amor, Ódio, Desejo, Abominação, Deleitação, Gozo e Tristeza; os canos do Irascível se chamam Esperança, Desesperação, Ousadia, Temor, Ira e Indignação”³⁹. Limpar o entendimento dos maus conselhos e a vontade dos afetos desordenados é a principal tarefa a realizar nesta fase.

A via iluminativa se encontra no segundo bairro da cidade de Bethel, local onde o protagonista “se havia de ocupar em cultivar, plantando nela as árvores frutíferas de todas as virtudes”. Para realizar isto o Peregrino deve “repartir a terra de sua alma em quatro ordens ou canteiros para neles plantar as árvores conforme pedia a boa arte da espiritual agricultura”⁴⁰. Na primeira ordem, devem ser plantadas as arvores (= virtudes) que imediatamente pertencem a Deus (Fé, Esperança, Caridade e Devoção); na segunda, as que dizem respeito às autoridades (Observância e Obediência); na terceira, as que dizem respeito a si mesmo (Humildade, Pobreza, Castidade, Modéstia, Temperança, Fortaleza, Paciência e Mansidão); na quarta, as que dizem respeito aos outros (Justiça, Amizade, Misericórdia, Fidelidade e Prudência).

Partindo para o terceiro Bairro de Bethel, Predestinado chega à via unitiva onde moram os Perfeitos; lá ele busca uma senhora chamada Perfeita Santidade, que o convida a unir-se a Deus pela contemplação. E lá encontra Caridade a qual conversa com ele e discorre sobre a capacidade da contemplação que é comunicada por Deus aos seus amigos por meio dos sete dons do Espírito Santo.

A estadia na Cidade de Bethel parece corresponder à quarta semana dos Exercícios de Loyola: assim como, nesta semana, o praticante é iniciado à contemplação dos mistérios cristãos e aos modos de oração, em Bethel Predestinado se dedica a retomar a memória do percurso realizado até então e agradecer pelas graças recebidas, mantendo-se longe dos pecados, e atento aos mandamentos, aberto a aprender o Amor (em Bethel, Amor de Deus e Amor do Próximo).

Em suma, o percurso de Predestinado parece acompanhar o roteiro proposto por Loyola nos *Exercícios Espirituais*, de modo a acomodá-lo ao entendimento de seus leitores e persuadi-los na adesão às doutrinas cristãs e na reforma de suas condutas.

Outro ponto de semelhança entre a proposta da novela e a dos exercícios inicianos, diz respeito ao aprendizado da virtude da prudência que possibilita a

³⁷GUSMÃO. Op. Cit., 1685, p. 258.

³⁸ Id. Ibidem, p. 260.

³⁹ Id. Ibidem, p. 261.

⁴⁰ Id. Ibidem, p. 267.

moderação dos apetites. Na narrativa de Gusmão, o protagonista Peregrino, dirigindo-se ao Palácio de Rigor Santo e Justa Penitência, conversa com seu guia sobre os riscos que correm as pessoas que protelam o cumprimento de suas penitências para o fim da vida quando já estão velhos ou doentes, alegando que estes correm o risco de não se salvar. Chegando aos seus anfitriões, Rigor Santo e Penitência, estes o entregam à Temperança e às filhas dela: Abstinência, Sobriedade, Modéstia e Castidade, e duas criadas, Mortificação e Discrição. Na convivência com estas personagens, Peregrino aprende a controlar os excessos, seguindo as leis da prudência: ou seja, comer pela necessidade e não pelo deleite, refrear os impulsos e estímulos dos prazeres sexuais, evitar demasias no vestir. Analogamente, nos *Exercícios Espirituais*, Loyola recomenda a moderação dos apetites. Ao abordar a questão da penitência, Loyola afirma que quanto ao comer, dormir e castigar é sempre bom que se siga uma justa medida, não se fartando de sono e alimento e nem se privando em excesso (para que não se prejudique a saúde) e nem exagerando nos castigos corporais. Na terceira semana dos Exercícios, Loyola discute também sobre as regras que ordenam o hábito de comer: recomenda não se privar do pão, mas, se possível, diminuir a bebida e os alimentos mais saborosos, tentando chegar a uma medida certa para as necessidades do corpo individual, não se deixando dominar pelo apetite e sendo sempre senhor de si.

Em suma, tendo evidenciado todas essas semelhanças, podemos concluir que a novela de Gusmão apresenta-se quanto ao seu conteúdo e estrutura retórica, como veículo de transmissão dos *Exercícios espirituais* junto aos leitores brasileiros.

O papel do leitor à luz dos Exercícios inacianos

A novela de Gusmão constitui-se num marco importante da transição de uma modalidade de transmissão pela oralidade e por meio da escuta para uma transmissão pela escrita e por meio da vista⁴¹. A consciência que Gusmão tem

⁴¹ Sobre a transição entre oralidade e escrita, vide os trabalhos de R. Chartier: CHARTIER, Roger. *Intellectual history*, In: La Capra D. e Kaplan S.L. (orgs.). *Modern European Intellectual History. Reappraisals and New Perspectives*. Iaca Cornell University Press, pp. 13-46, 1992. CHARTIER, Roger. *Conceitos, métodos e Objecto da História Cultural*, Universidade do Porto, 1986, publicado in *Problemáticas da História Cultural*, Porto, Faculdade de Letras, Instituto de Cultura Portuguesa, pp. 193-207, 1986; CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. (tradução de Maria Manuela Galhardo). Lisboa: Difel. 1990; CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. (trad. Reginaldo de Moraes) São Paulo: Unesp, 1998. Segundo Chartier, cabe colocar a noção de apropriação para significar o fato de que "os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculo, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole" (CHARTIER, 1990, p. 25). Pelo contrário, "a leitura é um ato concreto" onde ocorre um processo de produção de sentido desencadeado pela relação entre os leitores e os textos. Neste processo, também a modalidade da leitura tem sua função: se a leitura for "silenciosa ou oral, sacralizada ou laicizada, comunitária ou solitária, pública ou privada, elementar ou virtuosa, popular ou letrada" (idem, p. 26). Portanto, cabe atentar aos "processos que determinam as operações de construção de sentido" (idem, p. 27). A nosso ver, na novela de Gusmão, o autor busca orientar o leitor para um processo de apropriação que poderíamos definir como modelar, ou seja em

acerca do caráter inovador de sua obra aparece desde o prólogo ao leitor, onde afirma que o estilo parabólico, metafórico da escrita do texto foi escolhido entre outros “para mover a curiosidade do leitor” e que o livro se destina a suscitar a reflexão do mesmo. Deste considerá-la devagar”, aparecerá o retrato de sua história de vida, “ou a que vive ou a que devia viver”. E o livro será então “utilíssimo documento para se salvar”⁴². A salvação das almas, com efeito, é tópica jesuíta por excelência. Trata-se de dois termos próprios da tradição cristã, fundamentados na expressão evangélica cujo termo originário no idioma hebreu é *nefes*, correspondente ao grego *psykhé*: no contexto cultural semita, à diferença da tradição do platonismo grego, é inconcebível a idéia de uma alma separada do corpo e preexistente ou subsistente a ele. Nos *Exercícios*, a palavra *alma* comparece 70 vezes, assumindo um duplo sentido: a de sujeito psicológico – raiz e suporte das potências naturais do homem (memória, entendimento e vontade); e a de sujeito histórico – dentro da relação salvífica com Deus⁴³. Portanto, por salvação da alma, os jesuítas entendem a realização das potências psíquicas e espirituais e do destino histórico da pessoa.

Gusmão dirige-se novamente ao leitor no fim do percurso da novela, onde retoma de modo sintético o significado do percurso em seu conjunto bem como o de cada etapa e convida o leitor ao exame de si mesmo:

Eis aqui, devoto Leitor, o fim que teve o nosso Predestinado Peregrino de todos os seus caminhos, eis aqui qual foi o termo de sua peregrinação, agora é bem que confiras com o Irmão Precito para que pelo sucesso de um e de outro vejas o caminho que levas, para conhecer o fim que te espera. Todos somos nesta vida Peregrinos e algum dia há de chegar o fim de nossa peregrinação, o qual, ou há de ser salvação, ou de condenação eterna. Pois se tu queres saber qual destes dois fins te espera, examina os passos de teu caminho. Se segues os passos de Predestinado, bem pode esperar o de salvação, se segue os passos de Precito, bem podes temer o da condenação.⁴⁴

O autor faz uma síntese dos itinerários dos dois irmãos a partir da escolha realizada por cada um acerca do fim a perseguir na vida: Precito “enganado de sua própria Vontade”, “deixando a companhia de seu bom Irmão”, por um longo percurso que passa da Vaidade para a Idolatria, a Soberba, a Confusão, chega a Babilônia, “figura do Inferno, donde se fez perpétuo Cidadão”. Predestinado, “segundo o conselho da Razão”, caminhou por Belém, Casa de Paz, Nazaré, Terra de Religião, Bethania, Casa da Obediência, Cafarnaum, campo de

conformidade com as normas sugeridas pelos exercícios inicianos, que por sua vez se colocam na esteira daquela longa tradição monásticas de apropriação dos textos de espiritualidade assinalada por J. Lequerq e que Carruthers denomina de *ortopraxis* (vide nota 16). Veja-se também LECLERCQ, Jean. *O amor às letras e o desejo de Deus*. (tradutor Maulisio Pagoto Marzola). São Paulo: Paulus, 2012. (Original de 1957).

⁴² GUSMÃO. Op. Cit., 1685, p. 6.

⁴³ GARCÍA, Op. Cit., 2000.

⁴⁴ GUSMÃO. Op. Cit., 1685, p. 359.

Penitência; e atravessando o Vale das Tribulações, chega a Cidade de Bethel, Casa de Deus e “daqui veio parar em Jerusalém, ditoso termo de sua peregrinação, onde vive eternamente com seu Rei que é Cristo nosso Salvador, feito um de seus Bem aventurados Cidadãos”⁴⁵.

Uma vez realizada esta síntese, Gusmão propõe ao leitor o significado da metáfora: a peregrinação é a condição de vida de cada um, devendo cada um escolher seu rumo. As possibilidades de destino, porém, são limitadas a duas: a salvação ou a condenação.

Agora te pergunto a ti, que isto lê: isto que em parábola te represento. Não é o que na verdade passa entre nós? Não é verdade que todos somos irmãos, filhos todos do mesmo Pai, que é Deus? Não é certo que todos nesta vida e enquanto nela, vivemos somos como Peregrinos ou como desterrados, e que a nossa pátria é o Céu e a Terra desterro? Não é de Fé que todos nós, que somos peregrinos, uns são Precitos, outros Predestinados? Caim e mais Abel não foram ambos irmãos, ambos Peregrinos, um Precito, outro Predestinado? Jacó e Esaú não foram Irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, não foi Jacó, Predestinado, e não foi Precito, Esaú. Não diz Cristo no Evangelho que de dois, que se acharem no campo ao tempo de juízo, um se há de salvar, outro se há de condenar? Não é o que se salva Predestinado, não é o que se perde Precito?⁴⁶

Posto isto, é tarefa do leitor fazer o uso da reflexão (“consideremos devagar”): se os destinos são estes e são irreversíveis, pois não há volta no percurso, o rumo dos passos (“por onde caminharam”), que são decisivos, pode ser revertido, podendo haver mudança de destino: “Pois consideremos devagar por onde caminharam nossos Irmãos Predestinados, por onde nossos Irmãos Precitos, e veremos como por estes mesmos passos vieram a parar os Precitos no Inferno e os Predestinados na Glória” (idem).

O objetivo da leitura é, portanto, proporcionar o desengano:

Desenganai-vos, ó peregrinos, que lêem esta história, que não há outro caminho para o Paraíso da Glória, senão por onde caminhou Predestinado Peregrino, não há outro caminho para o Inferno, senão por onde foi o Peregrino Precito. Desenganai-vos que pela vaidade da vida, pelas demasiadas riquezas, pelas delícias e regalos, pelos deleites da carne, pela ambição da honra e da vingança, se vai direto para Babilônia, que é o Inferno. Desenganai-vos, que só pelo desengano deste mundo, pela piedade e devoção, pela observância da Lei de Deus, pela penitência e tribulações, pelo amor e caridade de Deus se vai seguro para Jerusalém, que é a Glória⁴⁷.

⁴⁵ Id. *Ibidem*, p. 359.

⁴⁶ Id. *Ibidem*, 1685, p. 362.

⁴⁷ GUSMÃO. *Op. Cit.*, 1685, p. 363.

Para entender o que Gusmão concebe por desengano, devemos mais uma vez percorrer o itinerário da novela: Gusmão retratara o Desengano como um senhor que mora na cidade de Belém, habitante de um rico palácio cujas portas são vários tipos de Memória: a memória dos Novíssimos (Memória da morte, Memória do juízo, Memória do inferno e Memória do paraíso) bem como a memória do passado, do presente e do futuro. O trono do Desengano, no centro do Palácio, é a esfera do mundo girando por volta de dois eixos, a vida e a morte num movimento constante entre estes dois polos (“qual começava seu movimento do polo da vida, e acabava no da morte”⁴⁸). No globo do mundo estavam escritas duas palavras: “tudo e nada”, explicadas assim por Desengano: “O mundo tudo é nada, ou ao revés, nada é tudo o que é do mundo” (idem). Na apreensão deste movimento constante de alternância entre dimensões opostas da realidade, a tomada de consciência de que a condição humana é submetida a estas mudanças, é o núcleo central no desengano, conforme as palavras de sua figura personificada na novela: “Tempo há de vir, ó Peregrino, em que tu, que agora isto ouves, vives, comes, jogas, e te deleitas, hás de estar morto, feio, e hediondo debaixo de uma sepultura. Horrível caso, que hoje fomos vivos, e amanhã seremos mortos!”⁴⁹.

Neste processo, os atos da memória e do entendimento são eficazes na medida em que forem acompanhados pelo uso correto dos sentidos que, por sua vez, depende da decisão da vontade. Dentre os sentidos, o mais importante é a vista. Com efeito, após visitar o Palácio, Peregrino é conduzido por Desengano numa montanha de onde pode contemplar o universo inteiro e é colocado diante de uma decisão a tomar: se ele usar os “óculos da carne”, se detém na aparência das coisas; ao passo de que se usar os “óculos do espírito”, as enxerga em sua consistência real. Colocando os primeiros, as riquezas aparecem a quem olha como “coisa de grande estimação”; mas utilizando os segundos, por serem mais cristalinos, quem olha “chega a penetrar as coisas mais remotas”, ou seja, a realidade na longa duração desde sua origem até seu destino. Isto possibilita o juízo:

Predestinado considerou a duração das coisas eternas, a brevidade das coisas temporais, a ânsia, com que os homens a estas se aplicam, a negligência, com que procuram as eternas, todas essas coisas lhe pareciam muito dignas de reparo, e de serem muito devagar meditadas. (...) e finalmente então viu claramente, quão falsas eram todas as esperanças do mundo, quão enganosas suas promessas, que só o eterno era o verdadeiro, e todo o temporal engano⁵⁰.

O conceito de desengano é tópica recorrente na tradição do catolicismo pós-tridentino⁵¹, complementar ao “engano do mundo”, lugar comum do século

⁴⁸ Id. Ibidem, p. 24.

⁴⁹ Id. Ibidem, p. 24.

⁵⁰ GUSMÃO. Op. Cit., 1685, p. 44.

⁵¹ Sobre catolicismo pós tridentino ver: MOZZARELLI&ZARDIN, 1997; e PO-CHIA HSIA, 2001.

XVI e XVII⁵². Na perspectiva cristã, este engano não se refere à negação do valor da realidade mundana, ou à recusa do sensível e da matéria, mas à ilusão de que essa realidade seria perpetua e autônoma, ao passo de que ela somente adquire significado e consistência na relação participada com o ser divino⁵³. A essência do engano é atribuir eternidade ao temporal, estabilidade ao provisório; no plano do conhecimento de si mesmo significa esquecimento de que o ser humano é analógico ao ser divino. Por isto, o homem ama enganosamente porque não possui o verdadeiro conhecimento de si próprio, conhecimento este que nasce na memória (conforme a doutrina de Agostinho). Com efeito, conforme as *Confissões*, “a força” ou “potência da memória” é retratada por Agostinho como sendo idêntica à dimensão mais essencial do homem, “o eu mesmo”, “uma vida variada de inúmeras formas com amplidão imensa”⁵⁴.

O conteúdo desta memória é o “*desengand*” acerca de si mesmo; a lembrança da própria condição mortal: *Memento homo que pulvis es: Lembra-te homem, porque és pó*⁵⁵. O conhecimento da verdade, portanto, é “*desengand*” que significa libertação do engano possível porque implícito na aparência das coisas.

A atividade da leitura, na visão de Gusmão, diz respeito a este conhecimento⁵⁶. Para tanto, em primeiro lugar, se requer do leitor uma boa

⁵² MARAVALL, 1997; JORI, Giancarlo. *Per evidenza: conoscenza e segno nell'età barocca*. Torino, Marsilio, 1998; PÉCORA, Alcir, Antonio Bernardes. *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP; São Paulo, SP; Editora da USP, 2008. MASSIMI, Marina. *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Loyola, 2005.

⁵³ Pécora. Op. Cit., 2008.

⁵⁴ MASSIMI, Marina. A memória ventre da alma. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 667-679, dezembro, 2010, p. 273.

⁵⁵ MASSIMI, Marina. *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Loyola.

⁵⁶ A compreensão do significado da leitura por Gusmão se enquadra na história da prática de leitura no Brasil colonial. Sobre o tema vide: ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América portuguesa (1750–1821)*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2004; VILLALTA, Luiz Carlos, *Bibliotecas Privadas e Práticas de Leitura no Brasil Colonial*. Disponível eletronicamente em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/index.htm>. Acessado em: 12 de novembro de 2014. VILLALTA, L. C. . Bibliothèques privées et pratiques de lecture au Brésil colonial. In: Mattoso, Katia; Santos, Idellete Muzar; Rolland, Denis. (Org.). *Naissance du Brésil moderne (1500-1808)*. 1ª ed., Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1998, v. 1, p. 319-336. VILLALTA, L. C.. Os leitores e os usos dos livros na América Portuguesa. In: ABREU, Márcia. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. 1ª ed., Campinas; São Paulo: Mercado de Letras; Fapesp, 1999, v. 1, p. 90-105. VILLALTA, Luiz Carlos, A história do livro e da leitura no Brasil colonial: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre Romance. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acessado em 12 de novembro de 2014. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro/Real Gabinete, v. 21, p. 165-185, 2005. E no que diz respeito à Companhia de Jesus, veja-se RODRIGUES, 2011. Este último autor assinala a importância que os livros e as bibliotecas assumem para os missionários jesuítas residentes no Brasil, mesmo no caso da presença junto às aldeias indígenas. Ainda segundo este autor, dentre elas primava a biblioteca do Colégio de Salvador da Bahia, que chegou a ter um bibliotecário e catalogador. Rodrigues coloca que era costume dos jesuítas a distribuição gratuita de livros de conteúdo religioso e edificante, como relatado pela carta anual da Província do Brasil de 1602-1603 onde se narra do caso de um morador de Porto Seguro, Bahia, Manuel da Cunha, liberto das tentações do demônio, pela leitura da biografia de Inácio de Loyola, emprestada ou dada pelos padres do colégio.

aplicação da vista e do ouvido. A boa aplicação destes sentidos requer a mobilização da atenção: de fato, é preciso ver e ouvir com atenção e intenção. Nesta perspectiva, por exemplo, deve ser entendida a ressalva que Gusmão faz, na novela, quanto à importância de ouvir bem o pregador, já que este como “médico das almas” promove o conhecimento desta e a cura das enfermidades do ânimo. Através da metáfora das virgens monstruosas encontradas na cidade de Nazaré (algumas com as orelhas no peito e outras com as orelhas em várias partes do corpo), Gusmão evidencia a importância de que a escuta da palavra proposta ao ouvido aconteça em profundidade, e, portanto, seja algo inerente ao coração. Trazer “os ouvidos no coração” significa, com efeito, possuir “a verdadeira intenção e atenção”⁵⁷. O uso correto dos sentidos externos depende também da diligência e disposição, que podem ser adquiridas através de três exercícios, que são Lição, Oração e Meditação. Métodos estes propostos nos *Exercícios espirituais* inicianos e que implicam no uso de livros e na atividade da leitura.

A novela quer propor aos leitores uma prática espiritual adequada para leigos e não apenas para religiosos: é expressivo desta visão o comentário de Gusmão a respeito das três personagens que figuram os três exercícios (Lição, Oração e Meditação), de que “se bem sua própria habitação é lá no outro bairro, que chamam Claustro, com tudo também cá neste bairro Século se acham, por quem as sabe buscar”⁵⁸. Ou seja, trata-se de uma proposta de práticas espirituais possíveis a todos os homens que vivem no meio do mundo, e não apenas aos religiosos que vivem recolhidos. Com efeito, na parte introdutória dos *Exercícios*, Inácio afirma que estes são destinados a cada bom cristão e que devem ser ministrados levando em conta a condição das pessoas que quiserem praticá-los (idade, cultura, personalidade). Na novela, Gusmão descreve em pormenores cada uma das três práticas da lição, da oração e da meditação sugeridas ao Peregrino, e os recursos a elas inerentes, representando-os sempre através das metáforas topológicas e das personagens alegóricas. A Lição “aplicada toda a um livro espiritual, habitava em uma formosa livraria toda de livros sagrados, devotos e honestos, e nenhum só livro de comédias, ou novelas se achava ali”⁵⁹. Na *Ratio Studiorum*, com efeito, os livros a serem lidos pelos estudantes dos colégios devem ser cuidadosamente selecionados. Ao tópico da leitura é dedicado o inteiro capítulo décimo terceiro. Além da cuidadosa seleção das leituras, recomenda-se a justa medida quanto à quantidade da leitura, bem como a presença de um bibliotecário atento e experiente que ajude a distribuir os livros e dirigir as leituras. Rodrigues⁶⁰ relata que o regulamento do Colégio de Belém chamado *Ordens para o Seminário de Belém conforme ao que mandou Nosso Revendo Padre em uma sua de 28 de Janeiro de 1696, e em outra antecedente de 16 de Janeiro de 1694 ao Padre Provincial*, continha um parágrafo (n. 10 das normas desta terceira parte), intitulado *Ordem que se deve*

⁵⁷ GUSMÃO. Op. Cit., 1685, p. 69.

⁵⁸ Id. Ibidem, p. 73.

⁵⁹ Id. Ibidem.

⁶⁰ RODRIGUES, Luis Fernando, Medeiros. As livrarias dos jesuítas no Brasil colonial segundo os documentos do Archivum Romano Societatis Iesu. *Cauriensia*, Vol. VI (2011), p. 275-302.

guardar no Seminário de Belém, dedicado ao uso e o cuidado que os seminaristas deveriam ter com os livros. O seminarista que riscasse livros ou paredes seria castigado e ainda se recomenda de tratar os livros com cuidado. O referido Seminário possui biblioteca.

Segundo Gusmão, os livros não são eficazes sem a disposição do leitor, que diz respeito principalmente à motivação da leitura:

E para que os Peregrinos, que ali entrassem, soubessem como haviam de tratar e ter os livros daquela livraria estavam por cima escritas as palavras de Cristo, *Quomodo legis?* De que sorte lêes? Lêes para proveito, ou para passatempo? Se para passatempo, tempo perdido será; se para proveito, será grande, o que da lição espiritual tirarás⁶¹.

O aproveitamento da leitura dos textos é possibilitado pelo uso de óculos especiais, feitos por um cristal chamado de Entendimento, ou Conceito; Predestinado deve atravessar a 'casa' de Oração e Meditação, as quais "moravam ambas juntas, por serem irmãs ambas", demanda-se a atitude do silêncio, (representado por um "velho muito calado", que introduz num "cubículo chamado Retiro") e de oração (representada por uma "velha faladora chamada Reza").

O peregrino é conduzido a seguir em outro Palácio, chamado Oração, onde encontra uma jovem muito bela, "vestida de tela abrasada, para denotar os incêndios do Divino amor", com asas. Estas asas são metáforas de "Afeto Pio, e Afeto Devoto", como explica o próprio narrador, "para significar a essência e a definição da Oração Mental, que é uma elevação da nossa mente a Deus, por devoto e pio afeto"⁶². Os sentidos movem-se em harmonia com os afetos. Oração é dona de um palácio, onde moram três meninas: Memória, Inteligência e Vontade. Uma das salas do palácio chama Composição de Lugar. Nesta sala, a Oração:

fixos os joelhos em terra e o coração em Deus entregou o quadro à primeira Virgem Memória a qual depois de o reconhecer brevemente o entregou a Segunda Virgem Inteligência, a qual tanto com ele se deteve em o ver, rever e considerar muito devagar com mil discursos e considerações, que a terceira Virgem Vontade notavelmente se lhe afeiçoou e inflamou pelo ter e possuir, até que, entregue por Inteligência, o abraçou com uns abraços que chama Propósitos tão apertados, que já mas lhe puderam arrancar do peito ou para melhor dizer do coração⁶³.

Trata-se novamente do método inaciano da composição de lugar, que como vimos foi proposto por Inácio nos *Exercícios*, e que também encontramos presente na construção da novela. Aqui, neste tópico, Gusmão propõe o método

⁶¹ GUSMÃO. Op. Cit., 1685, p. 78.

⁶² GUSMÃO. Op. Cit., 1685, p. 78.

⁶³ Id. Ibidem, p. 80.

da composição de lugar, também como recurso para o bom exercício da leitura. Com efeito, tal método valoriza o uso da memória e a imaginação, de modo a favorecer a apropriação do texto lido, como se o leitor estivesse presente na cena objeto da narrativa. O método da composição de lugar é utilizado na leitura como meio para facilitar a apreensão do conteúdo. Desse modo, a leitura não deve ser deixada a apreensão espontânea do leitor, mas deve ser guiada por um procedimento de apropriação regido pela norma da ordenação do dinamismo pessoal: apenas a mobilização ordenada deste dinamismo provocada pelo conteúdo proposto e pelo dispositivo retórico da forma narrativa, garante a correta apreensão⁶⁴. De fato, já vimos que segundo os princípios da *Ratio studiorum*, é desaconselhada a leitura indisciplinada dos livros; sendo que textos e argumentos de leitura devem ser cuidadosamente selecionados pelo educador. Por isto se estimula a composição de livros no âmbito da própria Companhia, a serem destinados aos jovens estudantes; e no capítulo décimo terceiro da *Ratio Studiorum*⁶⁵ se encoraja o uso de metáforas e figuras retóricas, e a escrita de diálogos e textos alegóricos a serem lidos no colégio. Portanto, pode-se concluir que a própria escrita da *História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito* tenha sido realizada por Gusmão, diretor do Colégio de Cachoeira de Belém, para responder as referidas exigências da *Ratio Studiorum*.

Conclusão

A novela de Gusmão, em suma, é um recurso que visa introduzir o hábito de ler no contexto brasileiro, como também propor um método e um conteúdo de leitura baseados na proposta inaciana. Trata-se através da leitura, de atualizar a vivência dos *Exercícios espirituais* de Inácio utilizando os métodos por ele propostos e seguindo as normas da *Ratio Studiorum*. Nessa perspectiva, a leitura se torna um modo de conhecimento de si mesmo, de reflexão sobre os próprios atos e de tomada de decisões quanto a valores e atitudes. Assim como o sermão realiza o objetivo de deleitar, mover e ensinar pela palavra destinada a um público de ouvintes⁶⁶, a novela faz o mesmo voltada para um público de leitores. Em ambos os casos, os recursos próprios do gênero retórico utilizados são os mesmos: notadamente o uso de metáforas e alegorias e a proposta do método da composição de lugar para que as palavras adquiram a devida evidência. Os sentidos da vista e do ouvido dos destinatários assim como as

⁶⁴ Sobre a dinâmica da interação entre texto e leitor e suas componentes psicológicas, vide: W. ISER. *O ato da leitura. Uma teoria do efeito estético. Vol. II.* (tradutor J. Kretschmer) São Paulo: Editora 34, 2003.

⁶⁵ RAFFO Giuliano. *La Ratio Studiorum. Il método degli studi umanistici nei collegi dei gesuiti alla fine del secolo XVI.* Texto latino e tradução italiana. Roma: La civiltà Cattolica-Milano: Centro San Fedele. 1989 (Original de 1591).

⁶⁶ MASSIMI, Marina. *Deletare, movere et docere: retórica e educação no Barroco. Per Musi* (UFMG). v.17, p.54 – 59, 2008.

demais potências do dinamismo psíquico desses são assim mobilizadas, para que haja a apropriação dos conteúdos propostos.

Sobre a autora

Marina Massimi é docente titular no Departamento de Psicologia e na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto. Especialista em história da cultura e dos saberes psicológicos. E-mail: Mmassimi3@yahoo.com

Artigo recebido em 09 de outubro de 2014.

Aprovado em 02 de janeiro de 2015.